MANUEL LARANJEIRA

COMMIGO

(Versos d'um solitario)

Quando os outros te não entenderem, falla comtigo mesmo.

grafo

DEPOSITO GERAL
F. França & Armenio Amado
COIMBRA
—
1911

Fernando Pessoa

COMMIGO

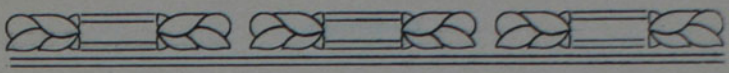
Quando os outros te não entenderem, falla comtigo mesmo.

MANUEL LARANJEIRA

COMMIGO

(Versos d'um solitario)

1912 - Typ. Fonseca & Filho
Rua da Picaria 74 - PORTO



COMMIGO

(Dialogo com a minh'alma)

Pobre alma desilludida,
teu mal é não esquecer
que tudo falha na vida . . .

Mas ouve, alma : p'ra viver
e ser feliz é preciso
fitar a mentira e crer,

como alguem que sem juizo
olha p'ra a terra e a vê
convertida em paraiso . . .

Um coração que não crê
na mentira cegamente,
coração feliz não é.

Se se desfaz de repente,
como fumo, uma illusão
que nos encanta . . . e nos mente;

e, se estendemos em vão
o braço com anciedade,
para a colhermos na mão:

é que vemos, na verdade,
que, destruindo a mentira,
se mata a felicidade,

e que sómente existira
no desejo — essa ventura,
. . . e a verdade a destruira.

Quem a verdade procura,
busca a sua perdição,
busca a sua desventura.

Só se vive de illusão:
a verdade é venenosa,
envenena o coração.

A alma humana, desejosa
de verdade, sem prever
quanto a verdade é damnosa,

teve febre de saber:
julgou a verdade boa
como o ar para viver,

— e a verdade envenenou-a...

E desde então, alma triste,
vai-se esvahindo, hora a hora,
a illusão de quanto existe;

vai morrendo quanto fôra
ou mentira bemfazeja
ou illusão redemptora...

Quantas vezes se deseja
mesmo a ventura enganosa
d'uma só hora que seja!

Como p'ra a sede anciosa
d'uma bocca enfebrecida
toda a agua é saborosa,

assim, p'ra a sede insoffrida,
que nós temos, de viver
n'uma hora toda a vida,

uma mentira qualquer
pode enganal-a um instante
e fazel-a adormecer

na illusão reconfortante
de ter sido saciada...
Mas, se a sêde é devorante,

renasce mais abrazada:
sede de febre é mais viva
depois de ser enganada...

Passa a hora fugitiva
de felicidade incerta
e mentira compassiva,

e o espirito desperta
inda mais envenenado:
busca na terra deserta

(como um jardim encantado
que um genio mau transformara
n'um jardim abandonado)

a fonte... que já seccara;
e tenta volver á fé,
como a um lar que abandonara...

Mas, então, sente que até
a propria fé o envenena,
e o seu lar já não é

o mesmo lar, nem lhe acena
como um refugio de paz...
Não, alma, não vale a pena

tentar-se volver atraz...
Nunca busques a ventura,
aonde quer que tu vás!

Busca a verdade! procura
voar bem alto e pairar
acima da vida impura,

sem a ver, sem a fitar!
Sê como um deus que entristece
vendo a sua Obra falhar...

e, cançado, se aborrece
de ouvir tanta bocca afflicta
blasphemar a mesma prece

de miseria e de desdita...
Sê como um condôr que passa
sobre a terra e nem a fita!

Se a cruz negra da desgraça
te pudera inda illudir
(como a um santo que se abraça

á sua dôr, a sorrir
n'um doce contentamento,
até vencel-a e fruir

o prazer do soffrimento),
era um refugio talvez...
Mas não pode (louco intento!):

o santo crê, tu não crês...

Cheia de tedio e pezar,
responde minh'alma triste:
— «O remedio é naufragar!

Perdida a fé que consiste
em deixar-se adormecer
na illusão de quanto existe,

o desejo de viver
já não tem azas; e a vida
dá vontade de morrer,

por não poder ser vivida
como o desejo a sonhava...
Sinto-me exhausta, vencida:

quanto da vida esperava,
ou pedia á vida má,
sempre a vida m'o negava!

E, se a vida nunca dá
quanto o desejo lhe pede,
— p'ra que viver? não será

bem melhor morrer á sede?»

Alma cobarde, alma cega
de não crêr! — quem nos impede
(só porque a vida nos nega

quanto o desejo lhe pede)
de proseguir mais alem?
Deixar-se morrer á sêde,

só o faz quem já não tem
mais fontes para buscar...
Oh alma, tu sabes bem:

a loucura é desejar
e pedir á vida injusta
o que ella não pode dar...

Se é a vida que te assusta
d'esse modo, alma suicida,
desprende-te!... Que te custa

ser livre, sem vêr a vida,
nem a terra pôdre? Gosa
de ver-te incomprehendida,

de ver-te só! e, orgulhosa,
vive em ti, alma impotente!
Se a ventura é duvidosa,

e se a vida é triste e mente,
porque a miseria a invade,
tu, minh'alma, sê contente,

sobe e vai! Pela verdade,
renunciaste a fruir
a paz da felicidade!

Foi-se a paz... Deixal-a ir!
A paz é uma mentira
que te não póde illudir!

Se é pela paz que suspira
quem se cança de lidar,
ha outra paz que respira

quem passa a vida a luctar.
Ha outra paz..., mais sagrada
do que a paz do nosso lar!

— paz de quem vai de jornada
para a verdade, paz santa!
paz de lucta, abençoada!

Como sóbe a voz que canta,
prêsa nas azas do vento,
oh alma, vai! Alevanta

p'ra a verdade o pensamento!
— como essa aguia ambiciosa
que sente um deslumbramento

da luz do sol, e, anciosa,
p'ra o sol as azas conduz,
e vai e sóbe, orgulhosa,

'té cahir ebria de luz!

E a minh'alma suspira
e volve o olhar, desvairada,
p'ra a terra d'onde partira

e d'onde anda desterrada,
sem forças para voltar
ou proseguir na jornada...

E diz-me: — «P'ra que tentar
vôos de aguia quem não tinha
azas de aguia p'ra voar?

Seria cegueira minha
tentar as azas abrir
sem a fé que m'as sustinha...

E, se é forçoso cahir,
de mais alto me despenho,
quanto mais alto subir...

Fé na vida não a tenho.
Viver sem fé é viver
a morte... — e eu já morta venho.

Bem sabes: crêr ou não crêr
— eis o dilemma, o segredo
de viver ou de morrer.

Vida de lucta é um credo
resado em actos; e a vida,
sem a fé, é um degredo...

Crêr — é a arma de quem lida,
e o segredo que a alma tem
para nunca ser vencida.

Não crêr: — querer ter a alguem
amor... sem poder amar;
ir só pela vida alem,

como uma taboa no mar,
entre uma vaga e outra vaga,
... aonde a vaga a levar;

olhar p'ra quem nos afaga
(como se olha p'ra quem mente)
— com vista turva e prezaga;

repellir quem cegamente
nos beija a fronte pendida,
ou estende a mão clemente

para nós, compadecida;
e, embora a vida nos ria,
amaldiçoar a vida,

hora a hora, dia a dia,
por a não poder viver
como o desejo a pedia;

deixar os braços pender;
ser vencida e destroçada
inda antes de combater ...

Ao começar a jornada,
tinha a fé da mocidade,
que me trazia enganada!

Corri atraz da verdade,
crendo que ella me daria
na terra a felicidade...

Pobre de mim! que corria
sempre atraz d'uma illusão
que, como as outras,... mentia.

Oh desejo cego e vão!
até a verdade mente,
quando a busca o coração.

Cheia de fé (como um crente
que, sendo a jornada rude,
vai caminhando contente),

voei, subi, quanto pude!
voei, subi, como insana!
Oh! como a verdade illude!

— ou como a fé nos engana!
quanto mais alto subia,
mais eu me sentia ufana...

Cega de mim! que não via
a verdade venenosa
matar-me a fé, dia a dia!

E, n'esta hora dolorosa
em que a vejo, já é tarde...
Fito-me silenciosa,

gela-me um frio cobarde
ao sentir que a fé antiga
dentro de mim já não arde...

Não tenho fé que consiga
suster-me as azas que estão
quasi mortas de fadiga...

E que pesadas que são
as azas que já perderam
a derradeira illusão!

e as azas que já tiveram
fé na vida e que, ao perdel-a,
na mesma hora morreram!

Rehaver a fé? aquella
cega fé da minha infancia?
Em vão! já não posso tel-a...

Tive azas de aguia, com ancia
de ar, de espaço, de voar,
e de ir alem da distancia

que se abrange com o olhar,
quando tinham fé na vida
e a fé m'as pôde levar...

Mas a ambição insoffrida
de ir mais alem — me perdeu:
pela ambição impellida,

tentei escalar o ceu,
e tal ceu não existia...
Havia-o creado eu

n'esta louca phantasia,
em horas de aspiração...
Crendo, porem, que subia,

despenhava-me. Homem vão,
tentei ser Deus, ... e Deus era
a minha propria ambição!

Deus, o Deus que eu pretendera
desthronar, nunca existira:
era uma louca chymera,

uma orgulhosa mentira,
que o homem creara, ufano,
na mesma hora em que sentira

o desejo monstro, insano,
de prender todo o universo
na mão do destino humano.

Como se um genio preverso
me impellisse p'ra a desdita,
ou malfadasse no berço,

herdei a ambição que incita
a ser Deus, ou succumbir
n'essa jornada infinita...

Pobre ambição! Que é subir?
é ser Deus (que não existe)?
O destino era cahir,

se n'essa loucura triste
de egualar Deus (ou de o ser)
todo o destino consiste!

Ir mais alem — é colher
toda a verdade da vida?
Mas n'esta ancia de saber

é que eu fui desilludida:
conquistava uma verdade
...e era uma illusão perdida!

As azas da mocidade
sinto-as já como vélas
rôtas pela tempestade...

Sem fé, não posso sustel-as,
e a fé não se recupera...
De que me serve, pois, tel-as,

se são azas de chymera?
Com a ultima illusão
morreu a fé que as erguera...

Ter azas com ambição
de ir mais alem, afinal,
é agital-as em vão...

Ir mais alem — de que vale,
se é infinita a jornada
e a Alma van é mortal?

Vamos indo pela estrada
d'esta vida mentirosa
para essa terra sonhada

pela mente ambiciosa;
e, a cada passo que damos
p'ra a verdade venenosa,

reconhecemos que estamos
mais longe de conseguir
aquillo que desejamos...

E' inutil proseguir,
como os loucos de heroismo:
ir mais alem — é cahir

de um abysmo em outro abysmo...

Eis-me emfim desenganada!
— minha ambição de infinito,
nunca a verei saciada!

Se no Destino medito,
vejo o Homem condemnado
a extinguir-se como um grito

sem echo; e, desesperado
de vencer Deus ou de o ser,
succumbir extenuado,

sem chegar aonde quer ...
E os castellos que elle faça,
hão-de sumir-se e esquecer,

— como se extingue a luz baça
da sombra que projectou
aquella nuvem que passa,

e, passando, não deixou
atraz de si, sobre a terra,
vestigios de que passou ...

Eis a verdade: descerra
os olhos loucos p'ra a vêr
e os desenganos que encerra!

Toda a verdade — é morrer!
P'ra não se ir alem da vida,
não vale a pena viver.

E' um gesto de suicida
ir para a lucta, descrendo:
sem fé em si, ninguem lida:

quem crê em si, combatendo,
certo de ser derrotado,
busca um triumpho, morrendo!

busca morrer abraçado
ainda ao seu ideal!
busca morrer saciado

d'uma illusão que lhe cale
toda a sêde, — como o crente
morre p'ra ser immortal!

Mas quem lucta ingloriamente,
sabendo não ir alem
da morte? P'ra o combatente,

a gloria de morrer bem
é uma dôr saborosa,
é uma crença tambem!

Quem lucta, crê; se crê, gosa.
Gosei emquanto subia
p'ra a luz, com fé, anciosa...

Mas quanto mais estendia,
avida, as mãos p'ra a ventura,
mais longe de mim a via...

Como um louco que procura
colher na mão as estrellas
que lhe sorriem na altura,

— assim fiz eu, só de vêl-as,
cuidando que não mentiam
áquelles que crêem n'ellas...

Mas as estrellas sorriam...,
e, n'esse sorriso triste,
parece até que exprimiam

— a illusão de quanto existe...

Eis porque sou desgraçada
— porque não posso illudir-me,
nem posso ser enganada:

se vejo a vida sorrir-me,
sei que me está a enganar;
e, nem que eu tente mentir-me,

não posso crêr, nem amar...
Esperar p'ra que, — sabendo
que é inutil esperar?

Nada espero. Vou vivendo
esta morte cada dia;
e até da morte descrendo

vou tambem: não renuncia
quem inda a ama, ou a tema;
mas quem não crê, nem confia,

não ergue as mãos, nem blasphema...
Descrêr da vida e vivel-a
— eis a renuncia suprema.

E, se a vida não é bella
como o desejo a sonhou,
ha um remedio — esquecel-a!

Vou vivendo a morte,... vou
como aquella folha verde
que a ventania arrastou,

— vai sem destino e se perde... »

E a minh'alma vai dizendo:
« ... E só o silencio é bom...
N'elle se vão dissolvendo,

como num mar, a Paixão
e o tédio de ter vivido
e as maguas do coração...

Se te sentires vencido,
busca o silencio: é a paz
p'ra a magua de ter falido...

Medita bem e verás
que quanto existe no mundo
em silencio se desfaz...

E n'esse abysmo profundo
que se dilue todo o ser...
Basta de palavras: fundo

foi o desgosto de as crêr...
Louco amigo, não me illudas!
deixa-me estar e esquecer

— em paz como as coisas mudas... »

O illudido era eu,
alma, e ia-te enganando...
Se a verdade te não deu

a paz que andavas buscando,
dê-t'a o silencio, alma triste!
...e vá a vida rolando

— na illusão de quanto existe.

A' tarde

A tarde lenta cahe. E cahe tambem
uma melancholia venenosa,
meu Deus! que se não sabe donde vem ...

E vem como uma sombra vagarosa
que chovesse d'um ceu crepuscular ...
Vem subindo da terra dolorosa
Como um grande diluvio de pezar,
como um olhar de dôr silenciosa
que tentasse subir para as estrellas
e ficasse disperso pelo ar ...

E vem do fundo d'alma ... Prescrutasse
a gente o coração p'ra sentir bem
que é lá no fundo d'alma que a dôr nasce
e é de lá sobretudo que ella vem ...

De lá! de lá do fundo! bem do fundo
de nós mesmos!... e lenta vem subindo
aos olhos que a reflectem, reflectindo
na nossa dôr a dôr de todo o mundo!

Dolorosamente
a tarde exhausta morre de cançaço
e parece que soffre a natureza...
Anda uma luz de cinza pelo espaço
e lentamente
envolve as coisas todas de tristeza...

E a tarde cahe nos olhos e entristece-os...

E toda a melancholia,
de lá do fundo d'alma aonde está,
vem-nos subindo aos olhos e escurece-os...

Os olhos escurecem e dir-se-ia
que é de lá
que a tristeza das coisas irradia...

A tristeza das coisas... Afinal
ó tristeza das coisas, tu existes
dentro de nós, em nossas almas tristes,
como um echo dar dôr universal!

O' silencio das coisas, é ouvindo
o proprio coração que te escutamos!
E as lagrimas das coisas vão cahindo
... e somos nós que as choramos!

Sim, nós! ... Quem soffre e chora, somos nós!
um chôro de cobardes e vencidos,
n'essa hora de sombra em que, tranzidos,
olhamos em redor ... e estamos sós!

Sós! todos sós! O' almas solitarias,
vêde a tristeza da tarde!
E' vendo-a que a noss'alma desolada
se sente mais sosinha, abandonada,
e o nosso coração é mais cobarde ...
E' vendo a claridade agonisar,
como um olhar voluptuoso e triste,
que sentimos subir-nos surdamente
aos olhos o desejo de chorar
baixinho, docemente,
sobre o peito d'alguem ... que não existe!
. . . . . .

E, quando sobre o mar
cahe a noite do céo pesadamente,
a gente sem querer ... põe-se a chorar!

A tristeza de viver

(para a Ex.ma Snr.a D. Dalila dos Reis Ferreira)

Ancia de amar! oh ancia de viver!
um'hora só que seja, mas vivida
e satisfeita... e pode-se morrer,
— porque se morre abençoando a vida!

Mas ess'hora suprema em que se vive
quanto possa sonhar-se de ventura,
oh vida mentirosa, oh vida impura,
esperei-a, esperei-a, e nunca a tive!

E quantos como eu a desejaram!
e quantos como eu nunca tiveram
uma hora de amor como a sonharam!

Em quantos olhos tristes tenho eu lido
o desespero dos que não viveram
esse sonho de amor incomprehendido!

A uma romantica

(No album da Ex.ma Snr.a D. Lucia Brandão)

Teus olhos tristes (se o olhar não mente)
andam dizendo adeus a um sonho vão
que se vai desmanchando lentamente ...

E a tristeza do olhar anda dizendo
quanto deve soffrer teu coração
á medida que o sonho vai morrendo ...

E, por mais que tu julgues escondido
no fundo d'esse olhar silencioso
o teu sonho de amor incomprehendido,

vê lá se o sei! Um principe encantado
tomava-te em seus braços, ancioso,
e beijava-te os olhos, enlevado ...

Depois, ... depois, cançado de esperar
o principe encantado ... que não vinha,
encheu-se de tristeza o teu olhar ...

Teu grande coração, alma vencida,
que tantas illusoens na vida tinha,
já começa a descrêr tambem da vida ...

Oh alma solitaria, oh alma triste,
o principe encantado que sonhavas,
por mais que tu o busques, não existe!

Sonhos de amor, os sonhos ideaes,
em que tu, alma doce, confiavas,
são sonhos, sonhos vãos e nada mais ...

. . . . . .

Soffres, bem sei! e soffres com vergonha
de sonhar tanto e em vão! e tens no olhar
a cobardia de quem chora e sonha!

Mas soffre com orgulho! o pensamento
de poder mais que a dôr faz-nos gosar,
orgulhosos do nosso soffrimento!

Até a dôr esquece, quando o peito,
ao desfazer-se o sonho, ainda tem
orgulho p'ra o amar, mesmo desfeito!

Descrê da vida embora! (que se junca
p'ra ti de desenganos, seio-o bem);
mas de ti mesma não descreias nunca!

Tem orgulho de ti! de ser assim!
e ama o sonho de amor que não viveste
n'uma torre illusoria de marfim!

E nunca te envergonhes de sonhar!
nem escondas o sonho que tiveste,
com receio de alguem t'o profanar!...

Ama-o dentro de ti! como acontece
áquelle que ama ainda com paixão
o phantasma de alguem que lhe morresse...

Um sonho como o teu, desfeito e bello,
só o sonha quem tenha um coração
...que não ache quem saiba comprehendel-o.

Prefacio lyrico para uma ballada

(a Pedro Blanco)

Nas cinzas d'um grande amor
ainda existe calor
a que a noss'alma se aqueça...

E a gente põe-se a dizer:
— «Vida, não vás tão depressa,
deixa-me ainda aquecer!»

D'aquelle amor que passou,
alguma coisa ficou,
... alguma coisa que vive:

ficou-me isto... — est'hora de arte,
que é a essencia, a melhor parte
d'aquelle amor que lhe tive...

Oh ballada amarga e triste,
feita de gôso e de dôr,
és o calor que inda existe

. . . nas cinzas d'aquelle amor.

O ultimo dialogo

(No album da Ex.ma Snr.a D. Sophia Ismenia Quaresma)

Ao morrer, os olhos dizem
sempre o mesmo: — «Espera ahi!
Vida, não vás tão depressa,
que ainda te não vivi...»

E a Vida passa, e a Morte
é que responde em vez d'ella:
— «Mas que culpa tem a vida
de não saberem vivel-a?»

Na rua

Ninguem por certo adivinha
como essa Desconhecida,
entre estes braços prendida,
jurava ser toda minha...

Minha sempre! — E em voz baixinha:
— «Tua ainda alem da vida!...»
Hoje fita-me, esquecida
do grande amor que me tinha.

Juramos ser immortal
esse amor extranho e louco...
E o grande amor, afinal,

(Com que despreso me lembro!)
foi morrendo pouco a pouco,
— como uma tarde em setembro...

Dialogo com um phantasma:

— «O' phantasma de alguem que soube amar
e teve um coração grande e perfeito,
porque é que vens agora soluçar,
muito abraçada a mim, quando me deito?

Porque é que tu me beijas a chorar
e me apertas calada contra o peito,
ó morta que me vinhas visitar,
debruçada a sorrir sobre o meu leito?»

E o phantasma responde-me alterado:
— «Eu soffro porque soffres. Desgraçado,
vais gosar a desgraça de viver...

Agora que tu amas, é que a vida
te dirá como é van e aborrecida,
sem ninguem que nos possa comprehender...»

A saciedade dos insatisfeitos

(CARTA a NINGUEM)

Perguntas-me o que tenho? A saciedade
de quem gosasse muito... e não gosasse
um momento sequer que lhe deixasse
a magoa de o perder ou a saudade:

e o desgosto dos sempre insatisfeitos,
— ao ver que amaram tanto (e tanto em vão)
e apoz horas e horas de paixão
só gosaram prazeres imperfeitos...

Perguntas-me o que tenho? O tedio horrivel
de saber que é inutil, desprezivel,
a ventura que a gente concebeu

n'essas horas de febre visionaria:
e o desgosto de quem reconheceu
quanto a vida ideal... é ordinaria.

Nada resta d'aquelle grande amor...
Somos dois mortos, vê... E o maior damno
não foi o desamor...
Ser desamado custa; mas peor
é sempre o desengano...

Carta a ninguem:

Não tornes a queixar-te! Se morreu
aquelle grande amor e malfadado,
porque o mataste, filha? Ai! o culpado,
bem vês que não fui eu...

Julguei-te abandonada, solitaria:
quiz fazer da tu'alma a ideal
e doce irman da minha... e afinal
ella era como as outras — ordinaria...

Não tornes a queixar-te mais de mim!
Eu não te posso amar: amar assim,
como os outros, não sei... era um engano...

Foi bem maior que a tua a minha dôr:
tu soffreste o desamor,
mas eu, filha, soffri — o desengano...

Palavras d'um phantasma

Aquella doce e mystica suicida
que me visita pela noite morta,
vim agora encontral-a á minha porta,
esperando por mim, toda tranzida ...

Prendeu-me nos seus braços desvairados,
longamente, em silencio, como louca ...
E inda sinto o consolo d'essa bocca,
beijando-me nos olhos desolados ...

Depois poz-se a dizer-me em voz baixinha:
—«Bem vês, meu pobre amor, ella não tinha
um coração como eu ...

Alma de sacrificio — nunca a viste
egual á minha! ... e a minha não te deu
felicidade alguma ... se isso existe ...»

Palavras ao meu coração

Basta de crêr no amor, basta de amar!
Meu louco coração, toma juiso:
p'ra os que querem na terra o paraiso,
ha um remedio só — renunciar.

Renuncía! Se tudo quanto existe,
é mentiroso, e só nos faz descrêr,
— não vale a pena amar, p'ra que correr
atraz de sombras vans, coração triste?

Não querem entender-te, coração,
... não podem entender-te, quando tentas,
erguer as pobres azas d'esse chão ...

Queres pairar em regioens mais puras?
Vive acima da terra e das tormentas,
— sósinho como as aguias nas alturas ...

Blasphemia inutil

(Á MARGEM do "GENESIS,,)

Diz esta lenda van
que tu, minh'alma, és barro convertido
em espirito, ao sôpro do Senhor...
Mas revoltou-se o pó: veio Satan
tentar-te com o fructo prohibido
e ensinar-te o caminho do amor
— e da culpa saborosa...

E tu, alma rebelde, ambiciosa,
querendo egualar Deus, fôste punida...
Mas Deus sabe punir e perdoar,
alma cahida;
Deus ama ainda a vida, e deu-te a Dôr
em redempção, p'ra voltar
até Elle, de novo, arrependida...

Alma rebelde, suicida,
seja a Obra maior que o Creador:
sê tu maior que Deus, — despresa a vida...

De jornada

Eu tive um sonho extranho. Foi assim:
Era um caminho sem fim...
Como sombras, os homens, silenciosos,
iam passando por mim...

Prophetas mysteriosos,
de olhos com febre e de saber profundo
levavam-n'os comsigo pelo mundo...

Para onde iam?
Em cada marco do caminho estava
gravado este lettreiro que os guiava
no rumo que seguiam:

«Caminho de quantos vão
fugindo dos desertos que ha na terra
p'ra a Terra da Promissão.»

Como uma sombra anciosa
atraz da mesma illusão,
puz-me a caminho tambem,
e fui na caravana lastimosa
por essa vida alem...

Mas as sombras d'aquelle bando louco
não iam a meu lado dentro em pouco,
como se o vento as sumisse.
ou se esvahissem no ar...
Julguei-me extraviado, ao vêr-me só
e a caminhar,
cançado, cheio de pó...
E, como o peregrino
que ao longo d'uma estrada sem ninguem
pára e vai de onde a onde consultar
nos marcos do caminho o seu destino,
quedei-me ao pé d'um marco a decifrar
o meu destino tambem...

«Eis o caminho da vida:
conduz para o deserto de onde veem
quantos crêem na Terra Promettida.»

No silencio da luz crepuscular,
ouvi de novo os passos apressados
de sombras a caminhar...

E as sombras começaram a passar,
como se o vento as trouxesse,
ou se formassem no ar...

Puz-me a gritar á caravana triste:
— «Sombras de homens, phantasmas anciosos,
aonde ides? Prophetas mentirosos
arrastam-vos comsigo pela vida,
para as bandas da Terra Promettida,
...da terra que buscais e não existe!»

Ninguem me respondeu. Silenciosamente,
como quem vai atraz d'um sonho vão,
ou d'um desejo que mente,
ainda o mesmo lastimoso bando
de sombras ia passando
...p'ra a Terra da Promissão.

Fiquei sósinho...
E disse ao meu coração
indicando-lhe o marco que ali perto
nos ensinava o caminho:
— «Eis o sentido da vida:
caminhamos p'ra a Terra Promettida,
...e vamos para o deserto.»

Porem dentro de mim,
responde o coração sem vacilar:
— «Deserto ou paraiso, pouco importa!
O unico remedio é caminhar
e ir sempre mais alem até ao fim!»

Como quem busca a Terra Promettida,
submisso ao coração, fui caminhando
para o deserto... atraz do extranho bando
de sombras que passou...
E na vida, n'esta vida,
(que só comprehendemos bem, sonhando)
como no sonho, eu deixo-me ir submisso
ao meu destino: eu sei aonde vou,
sei-o bem... e caminho apezar d'isso!

Aos amigos:

Eis a verdade do que sinto e penso:
quero crer, quero amar a vida, alguem...
e (eis porque sou um desgraçado immenso)
não posso crer, nem posso amar ninguem.

Crer em quê? amar o quê?
Descrer é não poder amar... A vida,
p'ra vivel-a,
não deve nunca ser comprehendida;
a vida, se chegamos a entendel-a,
até nos envenena com a propria fé...

Crer em quê? amar o quê?
Não ama quem já não crê...
Eu tinha um'alma crente, a vida envenenou-a,
(deixal-a envenenar!):

o amor matou-me a fé no amor, matou-a...
— e já não posso crer, nem posso amar...
A's vezes quero amar, desejo crer
que a vida ainda é bella e justa e bôa;
mas debalde... E, p'ra esquecer,
sofregamente ponho-me a viver
para que a Dôr me esqueça,
— como alguem que bebe á tôa
...para cahir mais depressa.

Crer em quê? amar o quê,
se tudo quanto existe é imperfeito e vão?
A's vezes tento illudir-me;
mas, quando a minha fé parece firme,
reconheço que estou a amar sem fé...
E' então
que me ponho a resar esta oração
desesperada e triste (como aquella
que resa quem já não crê):
— Bemdita seja a illusão,
e bemaventurados... os que crêem n'ella.

E eis aqui porque sou tão desgraçado:
— porque não posso amar, nem posso crer...
E vale a pena viver

assim envenenado,
sem uma gota d'agua que conforte
tanta sêde? Não vale... Mas emfim
que remedio senão viver assim,
se tambem... já não tenho fé na morte?

A sós

I

Quantos castellos vãos meu coração
fundou no vento incerto (que cegueira!),
desfeitos em ruinas e poeira,
eil-os todos dispersos pelo chão!...

Torres soberbas, torres de illusão,
fundadas sobre a vida traiçoeira,
ardeu-me tudo, tudo; e da fogueira
restam-me as cinzas d'esse mundo vão.

Oh ruinas de quanto já ergui
com alma enfebrecida e desvairada!
cinzas mortas das torres que eu perdi!

dormi, oh cousas vans, o eterno somno,
— como dorme uma lampada apagada
no meio d'uma nave... ao abandono.

II

Oh minh'alma, já basta de sonhar!
e basta de soffrer ao ver desfeito
o sonho que abraçamos contra o peito,
com ancia de o reter, de o prolongar!

Que remedio senão desesperar,
se tudo quanto existe é imperfeito?
Descança coração insatisfeito!
Dormi, olhos cançados de velar!

Porque ha de a phantasia enfebrecida
buscar a perfeição de quanto existe
e encher de sonhos vãos a nossa vida?

se é por isso que somos desgraçados,
por sonhar tanto e em vão; e a vida é triste,
porque é feita de sonhos desmanchados...

III

Louca ambição
de eternisar um'hora e de vivel-a
avidamente, assim eterna e bella,
deixa-me em paz, já basta de illusão!

Não venhas perturbar-me o coração!
deixa-o descrer! deixa-o dormir! e aquella
hora suprema, oh deixa-me esquecel-a,
desejo vão!

E tu minh'alma louca, tu medita
e considera: a sêde é infinita,
... e assim se vive a vida, a vida triste,

— a desejar aquillo que somente
existe no desejo (que nos mente)
.... ou aquillo que nem sequer existe.

No meio da charneca:

Erguem-se as mãos para colher no espaço
as estrellas (o Sol ou a Mentira
a que a noss'alma ambiciosa aspira)
e os braços cahem mortos de cançaço.

E os olhos querem n'um supremo abraço
beber ainda a luz que lhes fugira;
mas, cançado de olhar, o olhar expira,
perdido pelo ceu deserto e baço...

E' então quando o labio empallidece
como o d'um réu de morte, ou quando solta
um grito de blasphemia ou de prece...

Perde-se a voz p'rás bandas do infinito:
da abobada do abysmo só nos volta
... o echo quasi morto d'esse grito.

Vendo a morte:

Em tudo vejo a morte! e, assim, ao ver
que a vida já vem morta cruelmente
logo ao surgir, começo a comprehender
como a vida se vive inutilmente ...

Debalde (como um naufrago que sente,
vendo a morte, mais furia de viver)
estendo os olhos mais avidamente
e as mãos p'rá vida ... e ponho-me a morrer.

A morte! sempre a morte! em tudo a vejo
tudo m'a lembra! e invade-me o desejo
de viver toda a vida que perdi ...

E não me assusta a morte! Só me assusta
ter tido tanta fé na vida injusta
... e não saber sequer p'ra que a vivi!

INDICE

	Pag.
Commigo	5
A' tarde	31
A tristeza de viver	34
A uma romantica	35
Prefacio lyrico para uma ballada	38
O ultimo dialogo	40
Na rua	41
Dialogo com um phantasma	42
A saciedade dos insatisfeitos	43
Nada resta	44
Carta a ninguem	45
Palavras d'um phantasma	46
Palavras ao meu coração	47
Blasphemia inutil	48
De jornada	49
Aos amigos	53
A sós	56
No meio da charneca	59
Vendo a morte	60

Este livro acabou de se imprimir
aos 30 de janeiro de 1912 na
typographia de Fonseca
& Filho e é proprie-
dade do seu
auctor.